

Julya Cristina dos Santos

**A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NOS
CURRÍCULOS DOS CURSOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA:
ANÁLISES INTRODUTÓRIAS**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Biológicas do Centro
de Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do
Título de Licenciada em Ciências Biológicas Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Joana
Célia dos Passos

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos, Julya Cristina dos
A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NOS
CURRÍCULOS DOS CURSOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA: ANÁLISES
INTRODUTÓRIAS / Julya Cristina dos Santos ;
orientador, Joana Célia dos Passos, 2018.
73 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Ciências Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas,
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Relações Etnico
Raciais. 3. Currículo. 4. Ciências Biológicas. I.
Passos, Joana Célia dos. II. Universidade Federal
de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas.
III. Título.

Julya Cristina dos Santos

**A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA
ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DOS CURSOS DE CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA: ANÁLISES INTRODUTÓRIAS**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciada em Ciências Biológicas e aprovado em sua forma final pela Coordenação do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, de 23 de Novembro de 2018.

Prof. Dr. Carlos Roberto Zanetti
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Joana Célia dos Passos
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Adriana Mohr
Banca titular (MEN/CED/UFSC)

Eduarda de Souza Gaudio
Banca titular
Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF)

Azânia Mahin Romão Nogueira
Banca suplente
Núcleo de Estudos Negros (NEN)

Dedico este trabalho para minha
mãe Rita e minhas irmãs Pamela e
Nathalya. VOCÊS SÃO MINHA
FORTALEZA!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, se há alguém a quem devo agradecer pela pessoa que sou hoje, é a minha família, composta de mulheres fortíssimas, empoderadas.

À minha mãe, exemplo de mulher, que me faz ter orgulho todos os dias!

A minha irmã Nathalya, que segura minha mão desde criança e não solta mais. Diante dos meus medos e angústias sei que tenho a ti, Thalynha.

Agradeço especial e imensamente à minha irmã de sangue e de alma, Pamela Cristina dos Santos, meu maior orgulho e pessoa que eu amo mais que tudo. Pam, sem você eu não chegaria até aqui!

Agradeço ao meu melhor amigo Fernando Maldonado de Melo, por despertar em mim as risadas mais sinceras, doando seu ombro e ouvidos a mim, durante grande parte desse processo de formação. Amo você!

À minha grande amiga e irmã de vida, Stephanie Kril, que me ensinou e me ensina muita coisa desde que a conheci em 2013. Tt, com você eu ressignifiquei a mim, a vida e a forma que eu vejo o mundo. Obrigada!

Agradeço a minha namorada Vivianglads, que me amparou nos momentos mais difíceis, trazendo sorrisos e dias lindos para as fases de mais fragilidade emocional na elaboração do trabalho.

Agradeço a Natália Valério, que fez eu me ver em outra pessoa e conseguir amar até o que mais odeio em mim. Nat, você é incrível!

Agradeço a Cynthia, por toda paciência e companheirismo nesses 5 anos de Universidade.

Gratidão e admiração a minha querida orientadora, Joana Célia dos Passos, que me acolheu desde antes da proposta de orientação.

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para esta conquista e por tornar estes cinco anos tão especiais.

*Grande
Lábio, Nariz
Existência!
Resistência em
Trajetória.*

*Laços:
Que criei?
Ou que prenderam-me?*

*“Senta lá no fundo, Não consigo ver!”
Por de trás do meu Black Power
Não há empecilho
Pois se eu levanto
Continuas a não enxergar*

*O teu racismo é venda
para os teus olhos!*

*O meu caminho
Eu segui!
Entre ataques e escárnio
Me diminui.
E entre tropeços
Pensei que embranqueci*

*Me enxerguei em outros corpos
Representada
Pela voz
Traços
Pela mulher empoderada*

*E hoje eu ergo a bandeira
Vista em tantas outras
Ouvida e Compreendida.
Pelo poder de ser quem sou:*

___Negra

(Júlya Cristina dos Santos)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir das Diretrizes Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais, os currículos dos cursos de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, a fim de compreender os modos com que a organização curricular atual tem contribuído para a formação inicial de licenciados e bacharéis no que tange a discussão racial. Para isso, utilizamos como procedimentos metodológicos: a análise dos documentos normativos, currículo e projeto político pedagógico do referido curso, assim como levantamento bibliográfico das produções realizadas na área no Banco de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Redalyc, Repositório Institucional UFSC, e Revistas da Biologia, sendo elas: Revista de Ensino da Biologia (RenBio), pertencente à Associação Brasileira de Ensino da Biologia (SBEnBio), Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (RBPEC), Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia (RBECT), Revista Ciência & Ensino, fazendo as buscas pelos descritores Currículo de Biologia OR Currículo de Ciências Biológicas AND raça; AND racismo; AND relações étnico-raciais, a fim de auxiliar nas pesquisas. Ao fazer a análise dos documentos e o levantamento das produções, encontramos três disciplinas que abordam a temática racial nos currículos de Ciências Biológicas e somente algumas produções acadêmicas, que não contemplam integralmente a discussão das relações étnico-raciais voltada para o Ensino Superior. Desta forma, pensando em currículo, concluímos que a UFSC, não prepara os estudantes para problematizar a relação entre ciência e racismo, como também para discutir os preconceitos na sociedade.

Palavras-chave: Temática Racial. Estrutura Curricular. Biologia.

ABSTRACT

The present work aims to analyze, from the National Guidelines for Education of Racial Ethnic Relations, the curricula of the Biological Sciences courses of the Federal University of Santa Catarina, in order to understand the ways in which the current curricular organization has contributed to the initial training of graduates and bachelors with regard to racial discussion. For that, we use as methodological procedures: the analysis of the normative documents, curriculum and pedagogical political project of the mentioned course, as well as bibliographical survey of the productions made in the area in the Scientific Electronic Library Online Database (Scielo), Redalyc, Institutional Repository UFSC, (RenBio), belonging to the Brazilian Association of Teaching of Biology (SBEnBio), Brazilian Journal of Research in Science Education (RBPEC), Brazilian Journal of Science and Technology Education (RBECT), Science & Teaching Journal, searching for descriptors Biology Curriculum OR Biological Sciences Curriculum AND race; AND racism; AND racial ethnic relations in order to assist in the research. In the analysis of the documents and the survey of the productions, we find three disciplines that approach the racial theme in the curricula of Biological Sciences and only some academic productions, that do not fully contemplate the discussion of racial ethnic relations directed towards Higher Education. Thus, thinking about curriculum, we conclude that UFSC does not prepare students to problematize the relationship between science and racism, but also to discuss prejudices in society.

Keywords: Racial Themes. Curricular Structure. Biological.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Exemplo da classificação binomial proposta por Carlos Lineu**Erro! Indicador não definido.**

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Mapeamento das produções tendo as instituições de ensino/universidades como referência.....	54
Gráfico 2: Quantidade de estudantes dos Cursos de Ciências Biológicas da UFSC categorizados por cor/raça (2007-2017)	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Mapeamento das produções encontradas entre 2006-2018 no Banco de dados Scientific Electronic Library Online (Scielo), Redalyc e Repositório Institucional UFSC	44
Tabela 2: Mapeamento de artigos através de Revistas do campo e da área de Pesquisa em Ensino de Biologia.....	49
Tabela 3: Mapeamento das produções de acordo com o ENEBio 2016-2018.....	52
Tabela 4: Disciplinas sobre Relações Étnico-Raciais presentes nos currículos de Ciências Biológicas da UFSC.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAGR – Sistema Acadêmico da Graduação CCB – Centro de Ciências Biológicas
CCB - Centro de Ciências Biológicas
CNE – Conselho Nacional de Educação DCNs – Diretrizes Nacionais Curriculares
DCN'S – Diretrizes Nacionais Curriculares
ENEBio - Encontro Nacional de Ensino de Biologia
ERER- Educação para as Relações Étnico-Raciais
Ha - Horas Aula
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística PPP – Projeto Político Pedagógico
IES- Instituições de Ensino Superior
SEPIR - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
UCP- Universidade Católica Portuguesa
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar- Universidade Federal de São Carlos
UNIR- Universidade Federal de Rondônia
UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	27
1.1	O Conceito Biológico de raça e suas implicações sociais.....	34
1.2	Processos Metodológicos.....	41
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	43
2.1	Contribuições das produções levantadas nas bases de dados Scielo e Redalyc.....	44
2.2	Mapeamento de artigos através de Revistas do campo e da área de Pesquisa em Ensino de Biologia.....	48
2.3	Mapeamento de trabalhos apresentados evento Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBio).....	51
3	OS CURRÍCULOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS	55
3.1	Os currículos de Ciências Biológicas.....	55
3.2	Os atuais currículos de Ciências Biológicas da UFSC.....	56
3.3	Análise dos Currículos.....	57
4	CONCLUSÃO	65
	REFERÊNCIAS.....	69

1 APRESENTAÇÃO

A temática deste Trabalho de Conclusão de Curso está articulada diretamente com os desdobramentos da minha trajetória escolar e minha formação universitária. Sou uma mulher, que por apresentar uma tensionada trajetória de identidade racial, individual e coletivamente, começo este trabalho não consigo me autodeclarar negra e muito menos branca. Apresento pele e olhos claros, mas alguns traços fenotípicos em mim refletem a ascendência negra. Gomes (2003, p. 171), me ajuda nessa reflexão de identidade quando nos diz que:

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros.

Desde pequena tive muitos problemas com aceitação do volume dos meus cachos e do impacto social/visual que ele causava, pois minha mãe o prendia desde muito nova e todas minhas colegas tinham cabelo liso, ou seja, havia um estranhamento bem grande. Aos doze anos de idade me mudei para uma outra cidade, continuava com todos meus receios acerca da aceitação social do meu cabelo, mas por incentivo da família estava quebrando algumas amarras e conseguindo deixá-lo solto e me sentindo à vontade com este ato.

Iniciei meus estudos em uma nova escola e foi neste mesmo ambiente comecei a ser alvo de piadas preconceituosas/discriminatórias para com meu cabelo. Sentia-me linda, com minha família, pois tinha um estímulo bem grande em casa em relação a auto aceitação do meu cabelo, porém todos os dias em que “ousei” ir com meu cabelo solto, sofria com diversas falas como: “não estou conseguindo ver a lousa”, entre outras falas extremamente opressoras. As falas eram tão brutais que em um determinado momento comecei a amarrar meu cabelo em um coque e escondendo-o ia com casacos que continham touca, passava a tarde toda com o casaco, principalmente dentro da sala de aula. Mesmo assim ainda era alvo de brincadeiras, em que o formato da touca na minha cabeça, devido ao coque, lembrava um cone, deste modo o

constrangimento ainda girava em torno do meu cabelo e em como ele “incomodava” as pessoas.

Foi nesta etapa da minha trajetória escolar que se iniciaram os primeiros processos de silenciamento. Não me sentia mais bonita de nenhuma forma, porque meus cabelos não eram lisos como o das outras garotas da escola. Minha interpretação com toda a situação foi de que para ser, minimamente, aceita naquele ambiente, eu precisava ser diferente, ter um cabelo liso era o meu “passaporte” para inclusão social daquela escola majoritariamente branca. Tais aspectos me permitem pensar em que medidas a branquitude incidiu na minha trajetória escolar, assim:

Nossa sociedade se apropria dos significados compartilhados sobre superioridade e pureza racial e, desta forma, desenvolveu um sistema hierárquico silencioso e camuflado de atribuição de status social que desvaloriza as pessoas na proporção direta em que elas se afastam do modelo ideal de brancura, representado [...] como tom de pele claro, cabelos lisos e loiros, traços finos, olhos claros e ascendência norte-europeia (SCHUCMAN 2012, p.81).

Assim, não demorou muito mais tempo para eu aplicar diversos tipos de produtos químicos para redução do volume dos cachos para que meu cabelo ficasse o mais parecido possível com o padrão que eu conhecia como aceito. Aos quinze anos de idade, toda quantidade de produtos químicos usados no cabelo, sem nenhum acompanhamento de um profissional, acarretou na quebra de 75% do meu cabelo, aumentando ainda mais o meu sentimento de exclusão e não pertencimento.

Schucman (2012) em sua pesquisa fala que há uma categorização racial que nos é dada logo em que nascemos, onde as caracterizações de atributos positivos recaem muito mais sobre os/as brancos/as, constituindo uma superioridade na construção social de branquitude, com uma gama de significados que são reproduzidos e perpetuados. Deste modo, toda minha trajetória escolar opressora, fez-me internalizar esta ideia da supervalorização dos fenótipos de pessoas brancas, desejando pertencer minimamente à essa categoria social idealizada.

Aos dezoito anos iniciei no meu primeiro emprego, que fez com que eu tivesse renda para subsidiar o alisamento dos meus cachos, para eu me sentir aceita e inserida no grupo de pessoas brancas que eu tanto queria ser. Eu consegui meu passaporte para felicidade, foi muito bom me sentir bonita depois de tantos anos, sentir que as pessoas me olhavam diferente por eu ter um cabelo sem nenhum cacho. Eu decidi naquele momento que eu não pararia de trabalhar, pois eu precisava manter meus cachos escondidos. E foi exatamente o que eu fiz.

Em 2012, fui aprovada para o curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Santa Catarina, ingressei em agosto de 2013, tive que deixar o emprego e iniciar estágios tanto para pagar meu alisamento quanto o deslocamento de minha casa até a UFSC. Metade da minha remuneração servia para investir na manutenção dos cabelos. Eu estava bem comigo e me sentindo feliz, mas na universidade me envolvi com pessoas de diversos tipos de vivências e com discussões que problematizaram aquilo que até então era naturalizado socialmente.

Conheci pessoas que afirmavam me imaginar linda com o cabelo natural, gostava dos comentários, mesmo assim não concordava, não era uma opção passar por tudo o que já tinha vivido anos atrás. Na metade do curso tive um contato mais próximo a debates acerca das relações étnico-raciais, tentei ingressar no grupo de pesquisa e extensão, Alteritas: Diferença, Arte e Educação, pertencente ao Centro de Ciências da Educação na UFSC. Este grupo realiza pesquisas e atividades de pesquisa e extensão, visando a valorização das diferenças e protagonismo dos movimentos sociais pela igualdade racial e de gênero, sendo referência na luta antirracista na Universidade Federal de Santa Catarina. Participei de alguns encontros, mas não pude me envolver totalmente, pois os horários das reuniões coincidiam com o de minhas aulas. Por meio deste grupo, comecei a refletir sobre o que é ser negro/a e as implicações sociais que os fenótipos nos trazem. Consegui pensar sobre representatividade, ver-me em outros corpos, ver semelhanças e beleza no que por muito tempo considerei inaceitável.

Decidi, depois de muito maturar e pesquisar sobre que iniciaria o processo de transição capilar. Não foi uma decisão fácil, uma vez que considerava meu cabelo feio, ruim, difícil de cuidar. Tive um suporte emocional incrível, vindo de família e amigos, o que tornou o processo um pouco menos difícil de lidar.

A minha trajetória, tanto pessoal, quanto escolar fez eu perceber o quão problemático é viver este tipo de experiência no convívio social e como isso pode moldar e ditar o comportamento dos indivíduos. Existe gravidade e impactos subjetivos presentes na discriminação, meus

silêncios dizem disto, a química no meu cabelo dizia isto. Ao trazer minha trajetória escolar como parte da justificativa deste trabalho, trago também a liberdade dos meus cachos soltos para dizer que componho grande parcela das estudantes que sofreram e sofrem pela incidência da naturalização de um padrão de beleza que contempla a poucas. “Esse tipo de cerceamento da liberdade da expressão estética e corporal do negro, sobretudo da mulher negra, demonstra que continuamos mergulhados nas malhas do racismo e do preconceito racial.” (GOMES, 2003, p.176- 177).

Comecei a procurar no currículo do meu curso disciplinas que apresentassem na ementa a discussão das relações étnico-raciais e achei duas optativas, sendo uma que não era oferecida há algum tempo e a outra era de um outro curso, mas que fazia parte também do currículo de licenciatura em ciências biológicas. Fiquei inquieta por não encontrar em um currículo de licenciatura disciplinas que abordassem, minimamente, em suas ementas e referências a discussão de um tema, tão importante e previsto na legislação. Eu queria viver outra realidade no Ensino Superior, discutir sobre isso no meu curso, ter uma formação que ressignificasse toda minha trajetória estudantil, me formar uma licenciada capaz de entrar em uma sala com maturidade científica suficiente para minimizar os preconceitos semelhantes aos que vivenciei. Me encontrei perdida nas ausências e me achei querendo entender o porquê delas e sobre a contribuição da biologia, como ciência, nas discussões das relações étnico-raciais ao longo da história. Por este, e tantos outros motivos, é que me coloco em luta por uma escola/educação em que outros/as estudantes não sejam marginalizados/as, discriminados/as e silenciados/as, por esse modelo de escola que fui formada. Assim, centro meu foco na formação de professores/as por entender que uma formação inicial que discuta relações étnico-raciais abre possibilidades para lutas de uma educação antirracista.

Ainda que o curso de ciências biológicas seja minha formação, a escolha pela análise dos currículos deste curso não é puramente pessoal, existe nos estudos da biologia uma série de fatores que contribuíram historicamente para a inferiorização de pessoas por conta da raça. No curso de Ciências Biológicas da UFSC, até 2005 era oferecido somente o bacharelado em Ciências Biológicas, em 2006-1 foi implantado o currículo da licenciatura no turno diurno e em 2010 teve início a licenciatura também no turno noturno. Atualmente, do primeiro ao quarto semestre, o curso diurno tem currículo comum com o noturno, e a partir do quinto semestre opta-se por cursar o bacharelado ou a

licenciatura, já no curso noturno é oferecida somente formação em licenciatura.

A discussão da Educação para as Relações Étnico-Raciais, apresenta um histórico intenso de muitas lutas e conquistas quando esta consegue um espaço na escola e estrutura curricular tanto da Educação Básica, quanto Ensino Superior. Na década de 1970, os Movimentos Sociais pressionaram o Estado a implementar políticas públicas que atendessem às demandas e interesses de determinados grupos socialmente marginalizados na tentativa de reparar o preconceito e desigualdade racial no Brasil. Os Movimentos Negros, buscavam a revalorização da história e culturas africanas e afro-brasileira, como construção de uma identidade positiva que permitisse o reconhecimento deste segmento pela sociedade mais ampla e uma inclusão mais justa dos negros na sociedade brasileira (PEREIRA, 2010).

Já o final da década de 1980 foi marcado pela promulgação da Constituição Federal de 1988, que trouxe entre tantas outras temáticas as discussões do racismo arraigado na sociedade. A partir da década de 1990, refletindo toda a luta e mudanças legislativas, políticas e sociais, as discussões acerca das relações étnico-raciais, os debates da temática ganharam mais força e ocasionaram avanços na luta contra discriminação racial, inclusive na educação.

Em 2003, a Lei de Diretrizes e Bases que, pautada na Constituição, determina e regulariza a Educação Brasileira, sofreu uma importante alteração por meio da Lei Federal 10.639/03, tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no ensino fundamental e médio, nas disciplinas já integradas na grade curricular dessas etapas de ensino. A referida Lei representa um marco histórico na sociedade brasileira, pois é reflexo de lutas dos movimentos negros, diante da preocupação de demandas sociais frente à invisibilização da população negra.

Posteriormente em 2004, o Ministério da Educação junto a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) publicou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, voltando-se especificamente para as instituições de educação, determinando que as:

políticas de reparações voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico cultural afro-brasileiro, de

aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos, de condições para alcançar todos os requisitos tendo em vista a conclusão de cada um dos níveis de ensino, bem como para atuar como cidadãos responsáveis e participantes, além de desempenharem com qualificação uma profissão (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2004, p.11).

Voltando para as discussões do currículo do Ensino Superior, o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2009) estabelece como principais ações às Instituições de Ensino Superior (IES):

a) Incluir conteúdos e disciplinas curriculares relacionados à Educação para as Relações Étnico-raciais nos cursos de graduação do Ensino Superior, conforme expresso no §1º do art. 1º, da Resolução CNE/CP n. 01/2004;

b) Desenvolver atividades acadêmicas, encontros, jornadas e seminários de promoção das relações étnico-raciais positivas para seus estudantes.

c) Dedicar especial atenção aos cursos de licenciatura e formação de professores, garantindo formação adequada aos professores sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e os conteúdos propostos na Lei 11645/2008;

d) Desenvolver nos estudantes de seus cursos de licenciatura e formação de professores as habilidades e atitudes que os permitam contribuir para a educação das relações étnico-raciais com destaque para a capacitação dos mesmos na produção e análise crítica do livro, materiais didáticos e paradidáticos que estejam em consonância com as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e com a temática da Lei 11645/08;

e) Fomentar pesquisas, desenvolvimento e inovações tecnológicas na temática das relações étnico-raciais, contribuindo com a construção de uma escola plural e republicana;

f) Estimular e contribuir para a criação e a divulgação de bolsas de iniciação científica na temática da Educação para as Relações Étnico-raciais;

g) Divulgar junto às secretarias estaduais e municipais de educação a existência de programas institucionais que possam contribuir com a disseminação e pesquisa da temática em associação com a educação básica (BRASIL, 2009, p. 30-31).

Segundo Passos (2014), na medida em que as políticas educacionais universalistas não conseguem atingir a todas indistintamente, tensionar a lógica de funcionamento do Estado Brasileiro, com dispositivos jurídicos normativos para o currículo escolar, instiga mudanças estruturais e comportamentais na forma de encarar as desigualdades na educação brasileira. Deste modo, para uma mudança na conformação do que está posto, é preciso pressionar, discutir e problematizar para que ocorra o que se espera e para as demandas da educação escolar.

Considerando as contribuições históricas das ciências biológicas para a construção do conceito de raça humana enquanto padrão biológico, e sendo este um ponto fundante da estruturação do racismo que atinge as populações negras no Brasil. Neste TCC nos questionamos: Quais discussões a biologia tem desenvolvido sobre Relações Étnico-Raciais no ensino superior, mais especificamente nos currículos dos cursos de Ciências Biológicas da UFSC, para contribuir com a formação dos/as profissionais desta área?

Com esse foco, analisaremos os currículos de Ciências Biológicas da UFSC, através dos elementos trazidos pelas diretrizes em conjunto com todos os avanços históricos já relatados, definimos como objetivo geral deste Trabalho de Conclusão de Curso: Analisar os currículos dos cursos de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, a fim de compreender os modos com que a organização curricular atual tem contribuído para a formação inicial de licenciados e bacharéis no tange as relações étnico-raciais.

Deste modo salientamos que para atingir o objetivo geral proposto, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: Analisar as ementas das disciplinas relacionadas a Educação das Relações Étnico-Raciais dos currículos dos cursos de bacharelado e de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina; e mapear a produção acadêmica existente sobre o tema

Deste modo o trabalho está organizado em 3 capítulos sendo que no primeiro capítulo localizo meu lugar de fala, os motivos que me incentivaram e motivaram a pesquisar a Educação das Relações Étnico-Raciais, descrevendo minha trajetória de opressões vividas no ambiente escolar, que refletiram em problemas com aceitação do volume dos meus cachos e do impacto social/visual que ele causava. Assim como também é feito um resgate histórico do papel das Ciências Biológicas na construção da ideia de raça e do racismo científico, junto com a origem das raças biológicas e a contribuição de pesquisadores para superioridade biológica da raça, no que diz respeito do caráter dogmático da ciência na sociedade Já no capítulo 2 apresentamos o levantamento bibliográfico, elencando e analisando as produções acadêmicas que discutem relações étnico-raciais. Por fim temos o capítulo 3, onde fazemos a análise dos currículos dos cursos presenciais de Ciências Biológicas da UFSC, buscando encontrar de que forma o curso cumpre as normativas que regem o curso para discutir a temática racial.

1.1 O Conceito Biológico de raça e suas implicações sociais

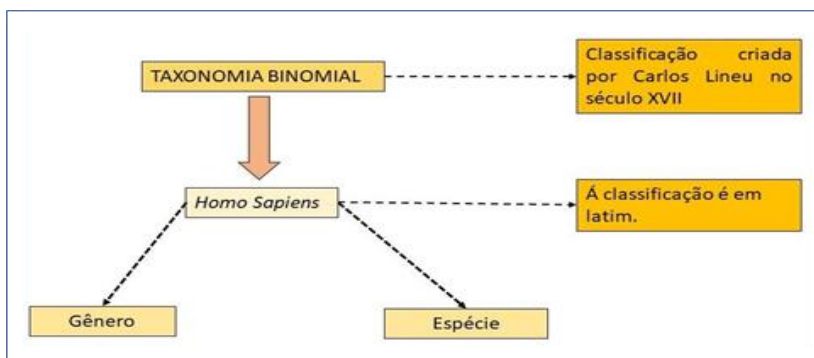
Considerando a grande influência da Biologia para a construção do conceito de raça, faz-se necessário retomar as direções deste conceito ao longo da história. Em diferentes períodos foram atribuídas diversas concepções e significados ao termo raça, que refletiram política e socialmente sobre determinadas populações, principalmente entre os séculos XVII e XIX. Dentre os cientistas, destes períodos, que contribuíram para construção da ideia de raça e a categorização dos seres humanos, se destacam-se: Carl Linnaeus, Ernst Heinrich Philipp August Haeckel, Georges Cuvier e Charles Robert Darwin. Esses nomes tiveram grande importância na ideologia de racialização dos seres humanos e categorização não só biológica, mas também social.

A construção conceitual e histórica de raça se faz bastante presente na Antropologia, Sociologia e pelas Ciências Naturais, ainda assim, as Ciências Biológicas possuem uma parcela significativa nesta construção. Assim, adentrando nesta ciência, temos a primeira classificação taxonômica dos seres humanos sendo apresentada na esfera científica por Carlos Lineu. O naturalista foi o fundador do método de nomenclatura binomial, classificando os seres vivos segundo suas características morfológicas.

A nomenclatura binomial se constitui como o método taxonômico classificatório, que designa que cada organismo deve ser nomeado e

reconhecido binominalmente, sendo o primeiro termo o seu gênero e o segundo sua espécie. Espécie é caracterizada por organismos que compartilham e apresentarem caracteres anatômicos, ecológicos e morfológicos semelhantes, podendo cruzar entre si e gerar descendentes férteis. Gênero, por sua vez, se identifica como unidade taxonômica utilizada para classificar um grupo de indivíduos de espécies distintas que apresentam caracteres funcionais e fenotípicos em comum, contendo proximidade filogenética grande, partilhando de ancestrais comuns. No quadro abaixo podemos visualizar melhor como ocorre a classificação pela taxonomia binomial:

Quadro 1: Exemplo da classificação binomial proposta por Carlos Lineu.



Fonte: Produzido pela autora

Tendo explicado no que consiste a criação de Carlos Lineu, seguimos dizendo que foi sua criação que denominou o termo “Homo Sapiens” à espécie humana, sendo este o precursor do conceito de raça na área das Ciências Biológicas, posteriormente aprofundado por outros cientistas. Em sua obra, “*Systema Naturae*” em 1735, o referido naturalista propôs a classificação dos seres vivos segundo suas características fenotípicas. No decorrer dos anos, a obra teve diversas edições, sendo acrescentado outras espécies de animais e plantas, além de ter atribuído outros fatores classificatórios para espécies. Em 1758, Lineu em sua obra traz uma nova classificação, levando em consideração aspectos psicológicos, morfológicos, geográficos, culturais e comportamentais para espécie humana, sendo elas:

(1) *Europaeus albus*: engenhoso, inventivo; branco, sanguíneo. É governado por meio de leis. (2) *Americanus rufus*: contente com sua sorte, amante da liberdade; moreno, irascível. É governado pelos costumes. (3) *Asiaticus lúridos*: orgulhosos, avaro; amarelado, melancólico. É governado pela opinião. (4) *Afer níger*: astuto, preguiçoso, negligente, negro, fleumático. É governado pela vontade arbitrária de seus senhores (HOFBAUER, 2006, p. 104 apud, POLIAKOV, 1987, p. 183).

Nesta classificação podemos observar que Lineu, categoriza os seres humanos com uma subalternização de indivíduos negros/as, inferiorizando, em relação aos brancos/europeus, a raça ao atribuir somente caracteres negativos à ela.

Para aprimorar a categorização de humanos o naturalista e zoólogo Georges Cuvier, acreditando que *Homo Sapiens* era uma divisão dos vertebrados, a subdividiu em três subespécies: caucasiana, etiópica, mongólica, subdivididas posteriormente por linhas geográficas, físicas e linguísticas. (BENTON, 1977, p. 45).

Cuvier em diversos momentos de sua trajetória em pesquisa nas ciências biológicas destaca-se por acreditar que a população negra era a degradação da espécie humana. Duas características na concepção de Cuvier destacam a racialização:

A primeira é a sua representação das raças humanas como uma hierarquia, com os brancos no topo e os negros na base. A segunda é a sua opinião de que as diferenças de cultura e de qualidade mental são produzidas nas diferenças no físico. (BENTON, 1977, p.45)

O pesquisador contribuiu também com a disseminação da analogia de negros e macacos, fazendo comentários a respeito de Sara Baartman, uma mulher, sul africana, nascida em 1789, pertencente a etnia Khoi-san, perJORATIVAMENTE denominada hotentote devido as características físicas marcantes, principalmente nádegas protuberantes. Em 1810 foi contratada para trabalhar de empregada doméstica e exibição para fins de entretenimento na Inglaterra. Os fenótipos marcantes das mulheres de sua tribo, faziam de Sara uma atração e fascínio para os europeus, sendo exibida em gaiolas, por vezes era

colocada em exposição quase completamente nua. Suas características também induziu ao termo Vênus de Hotentote, fazendo referência a Vênus, deusa do amor e a sua tribo, Hotentote.

Hamlin e Ferreira (2010 p. 822) nos fala da associação irônica e ridicularizada de Sara as Vênus calipígicas, que apresentavam hipertrofia das nádegas e acúmulo de gordura, assim como genitais bem marcados, assim como as mulheres Khoisan, afirmando que esta associação se deve também a identificação de terras femininas descobertas pelos europeus, prontas para serem exploradas e civilizadas por meio deles. Também segundo Hamlin e Ferreira, hotentote foi utilizado, pois era a denominação dos holandeses aos povos colonizados da África do Sul, fazendo uma analogia à onomatopeia dos sons característicos dos dialetos africanos, significando uma espécie de ridicularização deste povo.

Enquanto viva Sara, recusou-se a ser um experimento, mas mesmo após a morte, com autorização judicial, Cuvier conseguiu realizar uma autópsia e dissecação do corpo da mulher. O referido cientista queria, por meio de exames, comprovar sua teoria de que a alta primitividade de um mamífero era diretamente proporcional ao tamanho de seus órgãos genitais e desejo sexual. Cuvier (1816) inferiu que os movimentos bruscos de Sara recordavam os macacos e que a maneira de projetar os lábios era idêntico ao que é observado nos orangotangos. Ou seja, o pesquisador reafirma nesta pesquisa sua ideia de animalidade aos negros e que os mesmos não possuem uma alta proximidade com os primatas.

Mais adiante, Darwin, um dos mais influentes pesquisadores das Ciências Biológicas, deixou sua marca na identificação dos seres vivos com destaque para sua obra “Sobre a origem das espécies por meio da seleção natural, mais conhecida como Origem das Espécies ou como título alternativo “A Conservação das Raças Favorecidas na Luta pela Vida”. Darwin, ficou conhecido por sua teoria da evolução, denominada Seleção Natural, explicando uma série de fenômenos. Suas pesquisas indicaram variações entre indivíduos da mesma espécie de uma região para outra e também entre os fósseis, assegurando- se de que os animais se modificam ao longo do tempo, conforme o local que habitam. Sendo assim:

As relações complexas que ligam entre si os indivíduos de uma espécie afetam seriamente todas as outras espécies, e nesse caso, ligeiras modificações favoráveis em qualquer grau, adaptando-os melhor às novas condições do meio

ambiente, tendem a perpetuar-se. Desse modo, a seleção natural pode atuar sobre essas. Na teoria deste pesquisador, os organismos mais bem adaptados ao meio têm maiores chances de sobrevivência do que os menos adaptados, deixando um número maior de descendentes. Os organismos mais bem adaptados são, portanto, selecionados para aquele ambiente.(CARMO; MARTINS, 2006, P. 337, apud DARWIN, 1875, p. 81-82)

Vieira (2010) nos diz a respeito de Darwin, que torna-se-nos claro que tomou os “povos selvagens que conheceu por resíduos desses antepassados remotos impregnados de ‘animalidade’ e que a seleção natural em breve destruiria: as ‘raças’ periféricas deparavam-se-lhe como relíquias, atestando de estados anacrônicos da humanidade mais remota.”

Fica evidente após este relato que o cientista faz um julgamento acerca da diversidade de caracteres e comportamento dos grupos humanos em diferentes regiões do mundo. Vieira (2010) nos diz que por meio de vivências Darwin tenta assegurar a ancestralidade dos seres humanos, trazendo ideias que contradizem o conceito de espécie. Ao ser comprovada a menor vitalidade e fertilidade de “mulatos” como resultado de cruzamentos inter-racial, o naturalista sugere que é possível categorizá-los como espécies extremamente diferentes. Sendo este impossível levando em consideração que somente indivíduos de espécies distintas geram descendentes inférteis. Contradizendo o conceito de espécie, diz que é justificável querer classificar raças humanas em espécies distintas devido a inúmeras diferenças marcantes.

Ainda, os trabalhos de Darwin foram fortemente disseminados e perpetuados por Ernst Haeckel, biólogo naturalista/zoólogo, conhecido na ciência por seu sucesso em publicações e vendas de escritas científicas, em suas obras reafirmava que:

as diferenças raciais eram fundamentais. As raças inferiores estavam mais perto da criação animal: os negros com seus pelos lanosos eram incapazes de um desenvolvimento mental mais elevado. Os papuas e hotentotes estavam a aproximar-se rapidamente da sua extinção porque na luta pela vida, os mais desenvolvidos são os mais favorecidos, e os grupos e formas de maior

dimensão possuem a inclinação positiva e a tendência segura de se expandirem mais à custa dos grupos inferiores, mais atrasados e mais diminutos (BANTON, 1977, p. 106).

Os princípios da Seleção Natural de Darwin foram colocados em prática na sociedade, dando origem ao que se conhece hoje como Darwinismo Social, esta teoria sociobiológica foi amplamente difundida na prática, tendo um grande impacto das concepções da ciência no meio social. Banton (1977) afirma que os Darwinistas pensavam que quando a seleção natural agisse, as raças puras seriam criadas, devido a sua diversidade dominante, do mesmo modo muitos darwinistas também acreditavam que se fossem adotadas medidas de eugenismo, a mudança biológica estaria lado a lado com o progresso humano.

Assim, considerando os movimentos históricos já apresentados. o conceito de raça, dentro das Ciências Biológicas pode ser entendido como

um termo de múltiplos conteúdos que vão, em contínuo, da ciência à ideologia, sempre que está em jogo a diversidade da espécie *Homo sapiens*. Produzidas por cientistas ou imaginadas pelo senso comum, as taxonomias raciais têm alto grau de arbítrio, pois implicam em seleção ou escolha das características que servem de base para a construção de esquemas classificatórios. (SEYFERTH, 1995, p. 175)

A cor da pele foi a característica classificatória que se impôs, tanto nas taxonomias científicas como nas concepções mais populares sobre as raças humanas. A cor e a forma dos cabelos e dos olhos, a estatura, diversos índices cranianos e faciais, o peso e o volume do cérebro, entre outros traços fenotípicos, também serviram às distinções raciais realizadas desde o século XIX; o desenvolvimento das técnicas de medição e do conhecimento anatômico mudaram, progressivamente, os critérios classificatórios (SEYFERTH, 1995, p.176).

A intrínseca relação entre Biologia e o conceito de raça contribuiu para as desigualdades sociais e raciais no Brasil, desde a qualidade de vida até ao acesso a determinados espaços sociais como a universidade. Embora não haja relação científica que justifique a transposição dos estudos de Darwin acerca da inferioridade de espécies e da seleção natural, defendemos que suas contribuições são observadas

ainda hoje através outros conceitos, tal qual a meritocracia. Esta por sua vez, poderia ser compreendida como um conceito contemporâneo de seleção natural já que tem sido utilizada para justificar a ausência ou pouca presença de pessoas negras em determinados espaços.

Munanga (2009) afirma que os estudiosos das ciências biológicas, combinando todos desencontros com os progressos realizados neste campo de conhecimento chegaram a conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estancas. De modo que raças, biológica e cientificamente, não existem.

Devido às desigualdades sociais e a inferiorização da população negra por conta da construção do conceito de raça ao longo dos séculos, o referido conceito tem sido utilizado em pesquisas sociais, desvinculado do seu caráter biológico. Segundo Souza e Croso(2007) o uso do termo raça, ganha espaço focalizando as dimensões sociais e políticas do racismo, afirmando sua existência que discrimina e hierarquiza grupos de acordo com suas características físicas, legados culturais e religiosos.

A nomeação “raça” mostra-se importante para o combate do racismo porque explicita e afirma sua existência. Também explicita a trajetória de resistência e de produção de conhecimento de inúmeras pessoas e de organizações dos movimentos sociais negros que, histórica e sistematicamente, têm reivindicado a necessidade de denunciar as discriminações raciais, propondo ações e políticas para que o Estado assuma para si a responsabilidade de investir na promoção da igualdade das relações étnico-raciais.(SOUZA & CROSO; 2007, p. 19)

Deste modo, a raça enquanto conceito sociológico é entendida como “um conceito carregado de ideologia, e como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação.” (MUNANGA, 2000, p. 22). Sendo assim, como Gomes(quando usado o termo raça, seja por movimentos sociais negros e alguns sociólogos, este não está alicerçado na ideia de raças superiores e inferiores, pelo contrário, a usam como nova interpretação, que se baseia na dimensão social e política do referido termo. Gomes ainda diz que este termo é utilizado também devido à relação que se faz na nossa

sociedade entre esses e os aspectos físicos observáveis na estética corporal dos pertencentes à mesma

1.2 Processos Metodológicos

Para alcance dos objetivos propostos pela pesquisa de Analisar as ementas das disciplinas relacionadas a Educação das Relações Étnico-Raciais do currículo do curso de bacharelado e de licenciatura de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina e mapear a produção acadêmica existente sobre o tema, realizamos uma pesquisa qualitativa pelo uso de análise documental. Para Cervon e Bervian (2002, p.66) nesse tipo de pesquisa são investigados documentos para “descrever e comparar usos e costumes, tendências diferenças e outras características”.

Pensando em currículo para além da seleção e estruturação de conteúdo, assim como Saviani (2006, p.31) pensamos em currículo como objeto sociocultural, contribuindo para conformar o perfil e definir o caráter por meio de fatores determinantes que se inter cruzam em distintas intensidades de acordo com o contexto (geográfico, político, econômico, social, cultural). Entendendo também que o mesmo deve ser visto como produtor de identidades e subjetividades sociais determinadas e não apenas como representação ou reflexo de interesses sociais, de forma que é preciso reconhecer que a inclusão ou exclusão no currículo tem conexões com a inclusão ou exclusão na sociedade (GOODSON, 1998, p.10).

Pensando nisso, examinamos, por meio da análise de ementas, a oferta de disciplinas com proposta de discussão da temática racial os currículos do curso de licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas, do turno diurno, vigente desde 2006.1 e do curso de licenciatura em Ciências Biológicas do turno noturno, desde 2010.1, assim como análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) de ambos os cursos presenciais da UFSC. Utilizamos descritores para localizar no currículo e no PPP as palavras chaves: “racial”, “raça”, “relações raciais”, para que por meio dessa sistematização encontrássemos disciplinas cursadas dentro da temática da nossa pesquisa. Com o objetivo de mapear os semestres em que as disciplinas foram oferecidas pela UFSC, realizamos uma pesquisa no Sistema de Controle Acadêmico da Graduação- CAGR. Uma vez que os currículos dos cursos pesquisados, tem vigência em 2006 e 2010, estabelecemos como recorte temporal de 2006 a 2018, para que fosse possível um olhar sobre

a efetivação dos resultados, desde o início de implementação dos currículos anunciados.

Durante o levantamento, passamos por algumas dificuldades ao encontrar as ementas das disciplinas, uma vez que os currículos apresentaram somente a ementa de uma delas, realizamos uma busca no site dos departamentos que as oferecem, o que nos ajudou em parte, pois mesmo com os esforços nas buscas, não foi encontrada a ementa de todas as disciplinas mapeadas. Houve uma grande dificuldade também em encontrar materiais, produções acadêmicas que discutissem a relação das Ciências Biológicas com o racismo ou conceito de raça, de modo a se posicionar sobre a discussão. Dentre as facilidades, destaco o acesso aos outros dados levantados no trabalho, como os currículos, referenciais legais que regem o curso e Projeto Pedagógico.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão de produção bibliográfica foi realizada utilizando o Banco de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Redalyc, Repositório Institucional UFSC, e em algumas Revistas do campo e da área de Pesquisa em Ensino de Biologia, sendo elas: Revista de Ensino da Biologia (RenBio), pertencente à Associação Brasileira de Ensino da Biologia (SBEnBio), Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (RBPEC), Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia (RBECT), Revista Ciência & Ensino, objetivando encontrar trabalhos científicos que abordassem a temática das Relações Étnico-Raciais e currículo da biologia, de modo a contribuir para minha pesquisa. Estabelecemos como recorte temporal o período que corresponde de 2006 a 2018, pois a última reforma curricular do curso de bacharelado em Ciências Biológicas foi feita em 2006 e do curso de licenciatura em Ciências Biológicas, em 2010 proporcionando uma análise coerente com as reformas realizadas neste espaço de tempo em ambos os cursos. Além de abarcar a lei 10.639/2003, nos possibilitando observar discussões no Ensino a respeito desta temática. Para nos auxiliar no levantamento das produções utilizamos os seguintes descritores: **Currículo de Biologia OR Currículo de Ciências Biológicas AND raça; AND racismo; AND relações étnico-raciais.**

Após filtragem por títulos, resumos e palavras chave, restou-nos 17 produções. Ressaltamos que grande parte das produções selecionadas apresentaram resumos com poucas informações do que se tratava o restante do texto, dificultando nossas buscas. As produções analisadas conversam bastante com a temática da nossa pesquisa, discutindo raça, seu histórico e o papel das Ciências Biológicas para construção do racismo, porém diverge quanto ao enfoque da discussão, uma vez que grande parte dos trabalhos lidos, discute a prática docente na Educação Básica ou quando fala de formação de professores, não discute e problematiza currículo.

Seguindo, mesmo nem todas as produções apresentarem as relações estabelecidas entre currículo de Biologia e discussão racial, consideramos que as produções dialogam pouco com o objetivo geral deste Trabalho de Conclusão de Curso, mas mantemos as análises por considerar importante evidenciar as produções deste campo de pesquisa diante das contribuições históricas para as desigualdades sociais e raciais existentes nesse país. Deste fizemos a leitura de todas as produções, a fim de olhar e analisar o posicionamento da Biologia em relação ao entendimento acerca do conceito de raça, construção do

racismo, seja ele social ou científico e discussão da Educação das Relações Étnico-raciais.

2.1 Contribuições das produções levantadas nas bases de dados Scielo e Redalyc

As buscas nas bases de dados da Scielo e Redalyc resultaram em oito trabalhos publicados, os classificamos no descritor de racismo, como mostra na Tabela 1.

Tabela 1: Mapeamento das produções encontradas entre 2006-2018 no Banco de dados Scientific Electronic Library Online (Scielo), Redalyc e Repositório Institucional UFSC.

DESCRITORES		REDALYC	SCIELO	RI - UFSC
Currículo de Biologia OR Currículo de Ciências Biológicas	AND			
	raça	0	0	0
	racismo	8	0	0
	relações étnico - raciais	0	0	0

Fonte: produzido pela autora.

O artigo **“Raça e epidemiologia: as estratégias para construção de diferenças biológicas”** por Josué Laguardia publicado em 2007, na Revista Ciência & Saúde Coletiva. Com o objetivo de “destacar as possibilidades de contestação de algumas interpretações dos achados epidemiológicos sobre diferenças raciais na saúde, enfatizando os aspectos políticos e ideológicos da ciência e provendo os investigadores de argumentos que ajudem a superar o racismo que permeia algumas hipóteses causais acerca da diversidade humana e doença” este trabalho aborda por meio da perspectiva da área da saúde a relação entre epidemiologia e raça ao longo da história, retratando os preconceitos raciais e associações entre pele negra e doença.

O artigo **“Educação Anti-Racista: Reflexões e Contribuições Possíveis do Ensino de Ciências e de Alguns Pensadores”**, de Wilmo Ernesto Francisco Junior, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), foi publicado na Revista Ciência e Educação, volume 14 e edição número 3 em 2008. O objetivo do trabalho, uma vez que, segundo o autor a questão racial ainda é pouco discutida dentro da comunidade de pesquisadores de Educação de Ciências, é “introduzir alguns conceitos importantes envolvidos com o racismo, bem como discutir como o racismo se desenvolveu ao longo dos anos.”(JUNIOR, 2008, p. 397) Ao longo do trabalho o autor conceitua algumas terminologias e a usabilidade delas socialmente, são elas racismo, estereótipo e discriminação, procura também problematizar o racismo no Brasil e sua historicidade, assim como a relação/papel da escola nas desigualdades e debate das questões raciais, afirmando que “devido a tamanha disparidade de exigências, a escola aceita, assume e consolida as desigualdades existentes na sociedade, sejam elas de ordem social, cultural ou étnico-racial.” (JUNIOR, 2008, p. 403).

O autor dedica-se igualmente a abordar e pensar nas contribuições de alguns pensadores e do ensino de ciências para educação antirracista. Em relação à ciências, faz um resgate histórico e discutindo sobre as dificuldades de introduzir debates sobre racismo ao se ensinar Ciências, ao mesmo tempo que apresenta sugestões que contribuem para superar este desafio já em relação às contribuições de pensadores, Junior (2008) lista uma série deles e suas teorias educacionais, problematizando a convergência das abordagens cognitivas com a questão racial, focando prioritariamente na natureza individual da aprendizagem.

O artigo **“Sob o signo de Darwin?. Sobre o mau uso de uma quimera”** foi escrito por André Strauss e Ricardo Waizbort e publicado em 2008, na Revista Brasileira de Ciências Sociais. Os autores Criticam neste artigo, o “mau uso de ideias de Darwin”, a mistura de teorias para chegar numa conclusão equivocada da realidade, com erros conceituais acerca da teoria evolucionista, problematizando a disseminação de uma teoria darwinista equivocada. Defendem as ideias de Darwin, segundo a Biologia, desmistificando e destrinchando o conceito de seleção natural que aparenta ser mal interpretado. pelo sociólogo Francisco Oliveira em um ensaio chamado “O ornitorrinco”, onde faz uma analogia entre os pressupostos de Darwin e a sociedade.

Strauss e Waizbort (2008) utilizam a terminologia “raças humanas” sem problematizar o uso e impactos sociais dessa denominação, focando em explicitar suas afirmações de uma perspectiva

biológica da seleção natural, refutando as análises feitas por Francisco Oliveira, evidenciando uma superficialidade de interpretação pelo sociólogo. Os autores não problematizam as implicações da terminologia “raça” na ciência, fazendo o uso do termo raças humanas não demonstrando uma preocupação com o desuso deste termo atualmente. O texto não contribui com nossa pesquisa, por não dialogar diretamente com o nosso olhar para ideia de raça.

O trabalho **“La biología humana como ideología: el racismo biológico y las estructuras simbólicas de dominación racial a fines del siglo XIX”** publicado em 2008, na Revista THEORIA, Revista de Teoría, Historia y Fundamentos de la Ciencia por Juan Manuel Sánchez Artega. O trabalho apresenta o papel da ciência na construção de estruturas de dominação racial, reflexo de um extenso histórico de racismo científico, trazendo o significado por trás das ideias raciais da época junto com a origem das raças biológicas e a contribuição de cientistas para superioridade biológica da raça.

“Gracias al enorme prestigio concedido a la biología decimonónica, el carácter puramente histórico y coyuntural del orden geopolítico finisecular quedó transformado en el resultado mismo de leyes científicas aparentemente irrevocables.”(SÁNCHEZ ARTEAGA,2008, p. 123).

Deste modo, o autor faz uma crítica a blindagem das ciências naturais e irrefutabilidade da mesma, ainda problematiza esta irrevogabilidade quando vinda da comunidade extra científica, que contribui e reafirma o racismo científico como implicação a este poder dogmático da ciência na sociedade.

O artigo **“Biologia e estigmatização de pessoas: dilema médico e forense”** foi publicado em 2010 na revista Saúde Coletiva, por Rodrigo Grazioli Garrido. Tem abordagem voltada para as ciências da saúde. O trabalho apresenta um olhar molecular, genético, biotecnologia e evolucionista acerca de raça, abordando as influências, ao longo da história, do racismo científico no estudo da criminologia e médica forense. O Grazioli (2010) faz uma análise bioética, preocupando-se em trabalhar ao longo do texto, a discussão de aspectos estigmatizantes relacionados a patologias e características genéticas, além de aspectos sociais tais como: discriminação, racismo e respeito aos direitos humanos nos estudos/pesquisas científicas.

O trabalho **“Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências”** publicado em 2010, por Douglas Verrangia e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (UFSCar) na Educação e Pesquisa. O objetivo do texto é articular cidadania, a educação das relações étnico-raciais e o ensino de Ciências, tirando dessa articulação considerações, temáticas e questões relativas a formas pelas quais o ensino de Ciências pode promover a educação das relações étnico - raciais, entendida enquanto direito humano fundamental. Temáticas estas advindas de articulação entre o ensino de ciências e estudos das relações étnico-raciais, a partir de diferentes fontes, desde de literaturas, conversas e entrevistas com docentes de ciências, além disso apresenta sugestões procedimentais de trabalho e leituras no ensino de ciências com as temáticas: “a) Impacto das Ciências Naturais na vida social e racismo; b) Superação de estereótipos, valorização da diversidade e Ciências Naturais; c) África e seus descendentes e o desenvolvimento científico mundial; d) Ciências e relações étnico-raciais; e) Conhecimentos tradicionais de matriz africana e afro-brasileira e Ciências.”(VERRANGIA; SILVA, 2010, p. 707). Em todos esses tópicos o autor busca sugerir abordagens, análises, elaboração de atividades acerca da temática, apresentando as contribuições da abordagem das mesmas.

O trabalho **“A formação de professores de Ciências e Biologia e os conhecimentos tradicionais de matriz africana e afro-brasileira”** publicado em 2013, na Magis: Revista Internacional de Investigación en Educación, Edición especial Enseñanza de las ciencias y diversidad cultural por Douglas Verrangia (UFSCar), possui como finalidade de explicitar um conjunto de sugestões teórico-metodológicas por meio das quais o Ensino de Ciências Naturais, na Educação Básica e na formação de docentes, pode contribuir para o tratamento adequado da história e cultura Africanas, desde um olhar Afro-brasileiro. O autor discute a lei 10.639/03, assim como o Parecer CNE/CP 003/2004, explicitando as proposições da legislação e outros textos normativos que orientam a Educação das relações Étnico-Raciais e o Ensino de Ciências Naturais, preocupando-se com a formação para cidadania e relações sociais. Apresenta ainda como sugestão, para discutir a temática no ensino de ciências e Biologia, a abordagem adequada de Conhecimentos Tradicionais de Matriz Africana e Afro-Brasileira, salientando aspectos culturais como olhar para valorização da corporeidade, ancestralidade e oralidade no ensino de ciências, e importância de discutir- los, explicitando inúmeras possibilidades para abordar em sala de aula.

O artigo **“Racismo científico, procesos de alterización y enseñanza de ciencias”** publicado em 2013 na Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación, por Juan Manuel Sánchez-Arteaga, Cláudia Sepúlveda, Charbel N. El-Hani. Os autores discutem sobre alguns princípios para construção intervenções educativas baseadas na história do racismo científico e Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), para ser abordado tanto no ensino superior como educação básica, formal e informal. Propõem promover o debate e um novo olhar para as relações entre tecnociências e a sociedade, intervenções didáticas, para a formação de indivíduos críticos acerca da temática da construção da ideia de raça pela biologia e consequente racismo científico (MENÉNDEZ, 2013, p. 4). Segundo Pinheiro, Silveira & Bazzo (2013) objetiva-se proporcionar condições para que os estudantes possam participar de forma crítica, informada nos debates sobre o desenvolvimento científico-tecnológico.

2.2 Mapeamento de artigos através de Revistas do campo e da área de Pesquisa em Ensino de Biologia

Mantendo a lógica de busca por descritores, optamos por olhar algumas Revistas de Ensino de Biologia, uma vez que este é um dos principais meios de publicação de pesquisa e artigos científicos de circulação nacional das Ciências Biológicas, são elas: Revista de Ensino da Biologia (RenBio), pertencente à Associação Brasileira de Ensino da Biologia (SBEnBio), Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (RBPEC), Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia (RBECT), Revista Ciência & Ensino.

As buscas resultaram em 3 resultados, sendo todos eles na Revista de Ensino de Biologia (RenBio). A RenBio, Revista de Ensino de Biologia, pertencente a SBEnBio - Associação Brasileira de Ensino de Biologia - foi criada em 2005, com o intuito de promover um espaço de diálogo para e entre docentes de Biologia e professores/as da Educação Básica, dialogando com formação docente e pesquisas de Ensino Superior.

As primeiras edições da Revista foram produzidas em versão impressa, exceto a 3 e 5 que foram publicadas em CD-ROM, por conter os trabalhos apresentados no Encontro Nacional dos Estudantes de Biologia- ENEBio. Depois de seis edições de versão impressa, a revista começou a ser publicada digitalmente, com publicações de trabalhos de eventos e indicados pelas diretorias da Associação. A partir da décima

edição, para ampliar as possibilidades de acesso aos autores, foi iniciado o sistema de submissões abertas em fluxo contínuo, conseguindo abarcar seus objetivos desde a criação da revista: um espaço de produção acadêmica na área de Ensino de Biologia e temas de interesses da comunidade desta área. Assim, como resultado, encontramos:

Tabela 2: Mapeamento das produções encontradas entre 2006-2018

Descritores		Periódicos			
		RenBio	RBPEC	RBECT	Ciência & Ensino
Currículo de Biologia OR Currículo de Ciências Biológicas	AND				
	raça	1	0	0	0
	Racismo	2	0	0	0
	Relações Étnico-Raciais	1	0	0	0

Fonte: Produzido pela autora

Assim temos o artigo **“Raças Humanas” e Raças Biológicas em Livros Didáticos de Biologia de Ensino Médio: Primeiros Resultados**”, produzido por Luiz Felipe Peçanha Stelling e Sonia Kapras e publicado em 2008 na 2ª edição da RenBio. Neste artigo, é apresentado uma análise da apresentação e desenvolvimento das concepções de raça humana e biológica em livros didáticos de Biologia para Ensino Médio. Os autores elencam uma série de categorias que abarcam a diversidade de abordagens conceituais de raça nos materiais escolhidos para análise.

O artigo intitulado como **“O lugar da cultura no ensino da biologia. Seriam não-lugares?”**, produzido por Antonio Carlos Amorim e publicado em 2013, na 6ª edição da Revista, apresenta problematização acerca do ensino de biologia e culturas. O enfoque deste artigo está na discussão do lugar da cultura no ensino de Biologia, valorização e respeito às identidades culturais. Este artigo se encaixa na seleção por descritores, somente por apresentar em suas referências bibliográficas um texto em que apresenta o termo “raça”, ao longo do

texto não é discutido sobre raça ou Educação das Relações Étnico-Raciais em Biologia.

“As Contribuições da exposição de ciência, raça e literatura para educação das relações étnico-raciais” produzido por Thiago Leandro da Silva Dias (UFBA/UEFS), Charbel Niño El-Hani (Instituto de Biologia - UFBA), Juan Manuel Sanchez Arteaga (Instituto de Biologia - UFBA), Marco Leandro Barzano (Departamento de Educação - UEFS) e Claudia Sepulveda (Departamento de Educação-UEFS). O trabalho, publicado na 7º edição da Revista RenBio em outubro de 2014, fez parte também do V Enebio e II Erebio Regional, envolve um conjunto de autores que expõe por meio da análise da exposição “Ciência, Raça e Literatura”, que tem como eixo principal o racismo científico, a problematização dos reflexos de práticas e discursos científicos no aspecto social, com enfoque na Educação das Relações Étnico- Raciais para o ensino de biologia. A exposição tem por objetivo “(1) promover a compreensão do processo histórico da construção do conceito de raça, entendendo-o como resultado de uma relação entre ciências naturais e processos sociais de alterização, (2) analisar o papel das discussões sobre o conceito de raça na construção da identidade nacional e (3) promover uma visão crítica e equilibrada da ciência e de sua relação com a sociedade.” (DIAS, 2014, p. 7227)

Ao longo do trabalho os autores reafirmam esses objetivos, resgatando brevemente o histórico do conceito de raça e racismo científico, dialogando com a aplicabilidade das relações étnico-raciais a partir da Lei nº 10.639/03 no ensino de Ciências e Biologia. Dias (2014) ainda afirma que a temática do artigo pode responder às demandas acerca de um olhar crítico sobre Ciência- Tecnologia e Sociedade e também favorecer o cumprimento de alguns objetivos propostos pela lei 10.639. Os pesquisadores concluem afirmando que a referida exposição, possibilita uma contribuição significativa para educação das relações étnico-raciais.

Este trabalho por abordar currículos e Educação das Relações Étnico- Raciais, contribui e dialoga com nossa pesquisa, mesmo que não diretamente. Possibilita outros olhares acerca da construção da ideia de raça e do posicionamento da Biologia sobre o tema.

O artigo **“Percepções Sobre Evolução Humana e Racismo Científico em Publicações na Rede Mundial de Computadores: Um Estudo de Caso”** foi publicado em 2014 na 7º edição da revista RenBio em 2014, por Lucila Karla Felix Lima de Brito. O objetivo do artigo é “analisar, em uma seleção de textos, as percepções de conceitos de

evolução humana e de racismo científico em formadores de opinião influentes na sociedade brasileira contemporânea, os autores de publicações na internet.” (BRITO, 2014, p.5057). Foi utilizada como base do artigo, a campanha virtual #somostodosmacacos, iniciada após ato racista contra um jogador de futebol, com o intuito de repudiar este ato.

A autora analisou a percepção social acerca do tema Evolução humana, pertencente ao currículo de Biologia para o Ensino Médio, realizando “uma busca nos resultados do Twitter referente a “#somostodosmacacos”, a fim de identificar os principais artigos de opinião compartilhados sobre o tema, com base nos perfis mais influentes.” Foram selecionados três artigos que tratavam de evolucionismo, por conta da abordagem e conexão com o tema que a autora escolheu. Ao longo do artigo a autora traz os textos escolhidos e dialoga com a evolução e sociedade, fazendo análise dos textos, percebendo que houve diversas falhas tanto em conceitos biológicos como nas percepções em relação a evolução humana. Ao final a autora questiona sobre a necessidade de articular o conhecimento da evolução humana com os conflitos gerados historicamente a partir desse conhecimento científico e se é possível que a escola seja omissa a esse tema, discutindo sobre o ensino de evolução humana por uma ótica

2.3 Mapeamento de trabalhos apresentados evento Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBio)

Mantendo a lógica de busca por descritores, optamos por olhar também para um dos principais eventos nacionais de pesquisa em Biologia, o Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBio), buscando compreender o que as pesquisas apresentadas neste espaço podem contribuir para esta produção. Nesse sentido nos propusemos a olhar as pesquisas apresentadas no ENEBio, ocorridos entre 2006 a 2018. Por cada evento apresentar um site, com características de publicações distintas, esbarramos em alguns limites de buscas, de modo que alguns trabalhos não foram encontrados digitalmente/online para leitura.

Nas pesquisas feitas nos sites do Encontro Nacional dos Ensino de Biologia (ENEBio), foram encontrados 2 trabalhos em 2016 e 3 trabalhos em 2018 que contemplam os descritores, porém por ser muito recente, coincidindo com os meses de início da nossa pesquisa, os trabalhos apresentados em 2018 no evento não estão disponíveis para leitura integral no site do evento. Assim, temos:

Tabela 3: mapeamento das produções de acordo com o ENEBio 2016-2018:

DESCRITORES	AND	ENEBio	
		2016	2018
Currículo de Biologia OR Currículo de Ciências Biológicas	Raça	0	0
	Racismo	0	1
	Relações Étnico-Raciais	2	2

Fonte: produzido pela autora

Deste modo temos o trabalho “**A lei 10.639/03 e o ensino de ciências: O que pensam os professores de ciências das escolas estaduais de Itabuna/Bahia**” foi apresentado em 2016 no eixo Estudo das Relações Étnico-Raciais por Jeobergna de Jesus, Marília Costa Santos e Christiana Andréa Vianna Prudêncio. Segundo Jesus; Santos e Prudêncio (2016) o intuito do trabalho é sinalizar os desafios encontrados pelos professores de ciências das escolas estaduais de Itabuna-Bahia para trabalhar as relações étnico-raciais em suas aulas. Os autores utilizaram de entrevistas com professores, fazendo uma análise das respostas. Ao longo do texto ressalta-se a importância das discussões das relações étnico-raciais, salientando a preocupação com as ausências nos currículos e, conseqüentemente na formação escolar e docente, atentando-se sempre ao aspecto social desta problemática. Retoma o histórico dos negros/as no Brasil e ressalta a importância desses marcos para a conformação social de atualmente. Em muitos momentos, os autores reforçam uma preocupação com as dificuldades de pensar uma aplicabilidade da lei 10.639/03 no Ensino de Ciências, que reaparece nos resultados da pesquisa, onde é evidenciado por meio da análise das entrevistas que os professores reconhecem a importância de trabalhar as relações Étnico-Raciais, porém tem dificuldades em fazer ligações entre essa temática e os conteúdos de ciências e ao mesmo

tempo afirma que essas dificuldades só serão vencidas quando esse tema chegar de maneira satisfatória aos cursos de formação de professores.

O artigo não se aproxima do objetivo deste trabalho, uma vez que direciona-se ao currículo da Educação Básica e sobre a prática docente em si, no entanto nos faz olhar para esses entraves em relação a temática racial e a refletir sobre a amplitude da problemática de nossa pesquisa, mostrando a importância de olhar e questionar a estruturação dos currículos do Ensino Superior.

O trabalho **“Diálogo de Saberes Tradicionais e Científicos na Escola: Concepções de Professores da Educação Básica”**, apresentado em 2016, no eixo temático Ensino de Ciências e Biologia e Relações Étnico-Raciais, por Paula Gabriela da Costa e Ana Obara, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), contempla os descritores, mas não foi encontrado para leitura.

O trabalho **“Educação Antirracista e das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências e Biologia: Uma Análise das Atividades do PIBID Interdisciplinar Travessias Atlânticas”**, apresentado em 2018, por Luana Maria de Oliveira Ferreira e Rebeca Hennemann Vergara de Souza, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), contempla os descritores, mas não foi encontrado para leitura.

Os trabalhos **“O Papel da História do Racismo Científico no Ensino de Ciências e na Educação para as Relações Étnico-Raciais”**, apresentado em 2018, por Ricardo Ferreira Machado, Lia Midori Meyer Nascimento, Diego Palmeira da Silva, Juanma Sánchez Artega, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e o trabalho **“Capociência: O Potencial Intercultural Entre a Educação em Ciências e a Educação para as Relações Étnico-Raciais na Formação de Professores”**, foi apresentado em 2018, pelos/as autores/as Taryn Sofia Abreu dos Santos e Danilo Seithi Kato, da Universidade Federal do Mato Grosso (UFTM), foram computados na contagem, mas não foram disponibilizados online na sua versão completa, apenas para resumos.

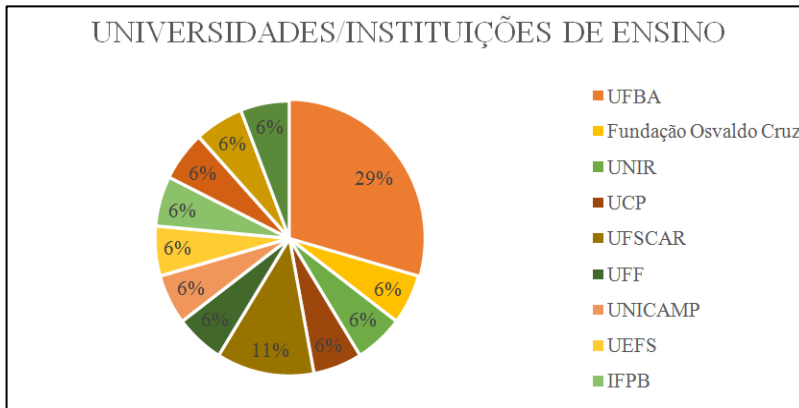
Nas produções encontra-se, mesmo que sucintamente, o histórico da construção da ideia de raça pelas Ciências Biológicas e os reflexos sociais dessa construção, além de conceitos/temáticas relacionadas as Relações Raciais, porém poucos trabalhos abordam essa temática direcionada para o currículo no Ensino Superior, problematizando ausências e discutindo a aplicabilidade da lei 10.639/03. Foi observado nos textos analisados a compreensão da reestruturação do conceito de raça do campo biológico para o social, mas nenhuma menção acerca das contribuições históricas das Ciências biológica. Ainda, observamos uma

quantidade significativa de trabalhos direcionados à prática docente, encaminhando a discussão para sugestões de como educar para as relações étnico-raciais. Entendemos o olhar direcionado para da prática docente como aspectos de uma educação antirracista, mas defendemos a necessidade de discutir esta temática também nos currículos do Ensino Superior para que as práticas não sejam isoladas e sim um exercício cotidiano presente na formação dos/as professores/as.

Nos chama atenção que no Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina, instituição em que iremos analisar os currículos, não foi encontrado nenhum trabalho que contemple os descritores escolhidos. Este indicador local nos faz questionar sobre os motivos da ausência da discussão sobre essa temática na referida universidade e como estão estruturados os currículos de Ciências Biológicas desta instituição acerca das relações étnico-raciais tendo em mãos esse saldo zerado de pesquisas.

Aproveitamos para mapear também as universidades a qual pertencem os/as autores/as dos trabalhos analisados, deste modo:

Gráfico 1: Mapeamento das produções a tendo as instituições de ensino/universidades como referência



Produzido pela autora.

O gráfico 2 nos mostra que existe uma predominância da Universidade Federal da Bahia (UFBA) na produção acerca de relações étnico-raciais e Ciências Biológicas nas produções encontradas, ao mesmo tempo nenhuma das universidades listadas são pertencentes ao sul do país. Fundindo estas informações com as já apresentadas anteriormente nos questionamos se o comprometimento social das

Ciências Biológicas são distintos a depender da região do país, e que especificamente no sul do Brasil existe certo silenciamento das questões raciais nas instituições de ensino.

Assim, considerando todos os dados apresentados buscaremos confirma-los ou não através das análises dos currículos de Ciências Biológicas de uma Universidade do Sul do País, a UFSC.

3 OS CURRÍCULOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

Na intenção de cumprir o objetivo desse Trabalho de Conclusão de Curso, neste capítulo, daremos início as análises dos currículos dos cursos presenciais de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina. Assim o faremos com base nas leituras prévias e com base nos documentos disponibilizados pelo referido curso.

3.1 Os currículos de Ciências Biológicas

Os primeiros currículos do Curso de Ciências Biológicas foram propostos por volta de 1970, visando atender as necessidades existentes ao que já estava sendo realizado na universidade. Até 1978, funcionou o curso de curta duração de licenciatura em Ciências, com posterior habilitação em Biologia, assim como houve o reconhecimento do curso, com alteração de currículo para oferecer a modalidade de licenciatura Plena de 2º grau em Ciências Biológicas. A proposta de criação do bacharelado em Biologia, começou a ser discutida no final desta década, por conta da regulamentação da profissão de Biólogo em 3 de setembro de 1979. Somente em 1980, foi concretizada a proposta, sendo criado o bacharelado em Ciências Biológicas na UFSC, contando inicialmente com duas opções de modalidade, Biomedicina e Ecologia e posteriormente direcionado em Ciências Biológicas.

Quanto ao ingresso no curso funcionava de forma que os alunos direcionados ao bacharelado iniciavam no primeiro semestre separadamente dos destinados a licenciatura, que ocorria no segundo semestre. Em 1989 e 1990 houve reestruturação do curso unificando a grade curricular até a terceira e quarta fase, respectivamente. Houve mais uma reforma curricular em 1993, o ingresso no curso passou a ser único, sendo que os estudantes tinham currículo comum de bacharelado e a partir da 5ª fase optam ou não por cursar disciplinas da modalidade licenciatura. A última reestruturação do currículo feita em 2006 para

atender às novas diretrizes curriculares determinadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e também devido a necessidades estruturais e funcionais do curso. Vigente até hoje, mantendo o currículo comum nos cursos de bacharelado e licenciatura no diurno.

Mais tarde a Direção do Centro de Ciências Biológicas, devido a uma reavaliação do currículo de 2006 e a uma série de considerações e demandas observadas e relatadas, solicitou o Projeto Político Pedagógico de um curso de licenciatura em Ciências Biológicas para o turno noturno, com atividades no período diurno, para ser implementado em 2010-1.

3.2 Os atuais currículos de Ciências Biológicas da UFSC

Os cursos presenciais de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, funcionam no Campus Reitor João David Ferreira Lima, no bairro Trindade na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. O Centro de Ciências Biológicas está dividido entre dois bairros do campus, funcionando tanto no bairro Carvoeira, quanto no Córrego Grande. Este ainda funciona em duas modalidades: licenciatura e bacharelado.

Atualmente o Centro de Ciências Biológicas da UFSC, é composto de três cursos presenciais, dois deles com currículo comum no período diurno, nas modalidades bacharelado e licenciatura, compondo o currículo vigente desde 2006.1. Já o terceiro caracteriza-se pela modalidade somente de licenciatura no período noturno compondo o até então vigente, currículo de 2010.

No que concerne às normas que embasam os cursos presenciais de graduação em Ciências Biológicas da UFSC, os currículos destes cursos embasam-se e respeitam as Diretrizes Curriculares para formação de nível Superior no Brasil, atendendo o que é estabelecido pelas determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei Nº 9394/96). Sendo assim, os cursos de Ciências Biológicas da UFSC têm como principais referenciais legais que orientam o Projeto Pedagógico: o Parecer CNE/CES 1.301/2001 e a Resolução CNE/CES 07/2002, que estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os Cursos de Graduação em Ciências Biológicas; já para os os Pareceres CNE/CP 09/2001, 27/2001 e 28/2001 e as Resoluções CNE 01/2002, 02/2002, CNE 02/2004 e 01/2005, 261/2006 e CNE 3/2007 de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação dos Professores da

Educação Básica, mais especificamente para as licenciaturas oferecidas tanto para o currículo de 2006.1 quanto para o de 2010.1.

Os cursos possuem uma série de diferenças, seja na quantidade de disciplinas, carga horária total ou aprofundamento dos conteúdos específicos em Biologia, pois cursos diurnos conseguem abranger mais áreas específicas, por conter uma carga horária maior. Mesmo não contendo tanta especificidade nas disciplinas obrigatórias o curso noturno em licenciatura não apresenta uma formação defasada ou incompleta. Ambos os cursos formam profissionais capazes para atuar em diversas áreas da Biologia, a diferença está na maior quantidade de horas/aulas e disciplinas apresentadas para o curso diurno.

As disciplinas obrigatórias para o bacharelado totalizam 3690 ha, enquanto as disciplinas optativas 300 ha; a licenciatura do curso diurno apresenta 4464 ha de disciplinas obrigatórias e 270 ha de disciplinas optativas. No curso de licenciatura Noturno as horas aulas são distribuídas de forma que 3510 há são destinadas as disciplinas obrigatórias e 108 ha às disciplinas optativas.

Uma vez que, para cursar bacharelado oferecido no turno diurno implica em ter disponíveis as manhãs e as tardes para se dedicar a presença nas disciplinas, percebe-se que, mesmo veladamente, há uma escolha do público alvo ingressante nos cursos de bacharelado em Ciências Biológicas.

3.3 Análise dos Currículos

Para identificar a discussão das relações étnico-raciais nos currículos dos cursos de Ciências Biológicas, tanto licenciatura e bacharelado (2006.1), quanto licenciatura (2010.1), utilizamos da pesquisa por palavras chaves: raça, racismo e racial/ais, fazendo um recorte temporal entre 2006 a 2018, abrangendo deste modo os anos referentes à implementação dos currículos. Sendo assim, obtivemos o seguinte resultado:

Tabela 4: Disciplinas sobre relações étnico-raciais presentes no currículo de Ciências Biológicas da UFSC.

DISCIPLINA	TIPO	EMENTA	HORAS /AULA	CURRÍCULO
ANT7701 Estudos Afros - Brasileiros	Optativa	Relações raciais e racismo no Brasil. Relações Inter-étnicas e Identidades étnicas. Estudos sobre os negros no Brasil	72	20061 e 20101
MEN7156 NADE-Práticas Educativas Relações Étnico - Raciais	Optativa	Educação, relações sociais e os negros no Brasil. Espaços educativos, escola, currículo e projetos pedagógicos para igualdade de oportunidades educacionais.	54	20061 e 20101
EED5189 - Seminário Temático - Educação Étnica e Multirracial	Optativa	Ementa não Disponível	18	20061

Fonte: Produzido pela autora

As disciplinas não são oferecidas pelo curso de Ciências Biológicas, a disciplina AN7701 é obrigatória no curso de licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais, presente nos currículos de 2007.1 e, enquanto MEN7156, pertence ao Currículo de 2009 do curso de Pedagogia e também apresenta caráter obrigatório. No currículo de pedagogia há diversas disciplinas pertencentes ao Núcleo de Aprofundamento de Estudos- NADE, de caráter obrigatório, de modo que os estudantes deste curso precisam, obrigatoriamente, escolher uma delas para cursar até o fim do curso, porém não especificamente esta disciplina, direcionada a discussão das relações étnico-raciais.

Estudos Afro-Brasileiros, segundo a ementa, aborda Relações raciais e racismo e estudos sobre negros no Brasil, além de discutir as relações interétnicas e identidades étnicas. Já a disciplina Nade-Práticas Educativas e Relações Étnico-Raciais tem uma vertente pedagógica, contendo na ementa as discussões sobre relações sociais e os negros no Brasil, assim como espaços educativos, currículo e projetos pedagógicos para igualdade de oportunidades educacionais.

A oferta da disciplina Seminário Temático - Educação Étnica e Multirracial, não foi encontrada no CAGR, em nenhum dos anos estabelecidos como recorte temporal da pesquisa, assim como não foi encontrada a ementa da mesma, tanto no currículo do curso de Ciências Biológicas, quanto no site do departamento por qual é oferecida, Departamento de Estudos Especializados em Educação (EED).

Todas as disciplinas encontradas nos Currículos de Ciências Biológicas, que se encaixam nos descritores e abordam a temática racial, seja no nome, ementa ou ambos, são optativas, ou seja não são obrigatoriamente oferecidas em todos os semestres. Utilizando o Sistema Acadêmico de Controle da Graduação - CAGR da UFSC, procuramos em “cadastro de turmas”, os anos em que foram oferecidas essas disciplinas e percebemos que a disciplina Nade-Práticas Educativas e Relações Étnico-Raciais foi oferecida no primeiro semestre dos anos 2011 e 2014, e no segundo semestre de 2013 e 2015, enquanto a disciplina Estudos Afro-Brasileiros foi oferecida de 2010 à 2018, sendo que nos primeiros semestres era ministrada para o curso diurno e a cada segundo semestre letivo para o período noturno. Em 2011/2 a disciplina ficou reservada ao curso de Ciências Sociais e em 2015/2 foi oferecida também no curso de Antropologia da Universidade.

Evidencia-se, por meio do levantamento no CAGR, que a presença da disciplina no currículo não garante a efetivação dela na prática. Observamos que em grande parte dos semestres as disciplinas não são oferecidas de forma regular, de forma que não garante ao estudante de Ciências Biológicas o acesso a discussão das relações étnico raciais, durante sua formação.

Ainda no que tange as disciplinas analisadas, que compõem os currículos dos cursos estudados, percebe-se que as ementas apresentam elementos muito condizentes com a temática racial. Saviani (2006) citado por Passos (2014) ao analisar os currículos de licenciatura a respeito das relações étnico-raciais, constatou a compreensão de que a análise do currículo apenas com base nos projetos pedagógicos e ementários pode não ser suficiente, para se concluir sobre a inserção dos temas que investigados, mas permite problematizar as intencionalidades declaradas pelas instituições sobre a formação docente. Ao olharmos para o Parecer CNE 1.301/2001, tornado norma através da Resolução CNE 7/2002, que aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Ciências Biológicas, lido como um dos principais referenciais legais dos cursos de Ciências Biológicas da UFSC apresenta como uma das Competências e Habilidades do profissional formado seja bacharelado ou licenciatura:

Reconhecer formas de discriminação racial, social, de gênero, etc. que se fundem inclusive em alegados pressupostos biológicos, posicionando-se diante delas de forma crítica, com respaldo em pressupostos epistemológicos coerentes e na bibliografia de referência. (BRASIL, 2001).

Visto isso, reconhece-se por meio das Diretrizes que a Biologia possui discurso atrelados a discriminação racial e que é papel do profissional reconhecê-los e posicionar-se diante deles, porém não identifica-se o tipo de posicionamento crítico que o profissional deve tomar, indicando de forma sutil que o mesmo deve utilizar da bibliografia sugerida e se respaldar na epistemologia coerente. Ou seja, cabe a instituição subsidiar bibliografias e debates coerentes para formar profissionais capazes de reconhecer e combater a discriminação racial não só sociais, mas também atrelada a pressuposições biológicas.

Mesmo explicitando a necessidade de reconhecer e posicionar-se diante da discriminação racial, as diretrizes não apontam diretamente em suas indicações de conteúdos curriculares a Educação das Relações Étnico-Raciais, considerando como conteúdos básicos que devem estruturar o currículo:

BIOLOGIA CELULAR, MOLECULAR E EVOLUÇÃO: Visão

ampla da organização e interações biológicas, construída a partir do estudo da estrutura molecular e celular, função e mecanismos fisiológicos da regulação em modelos eucariontes, procariontes e de partículas virais, fundamentados pela informação bioquímica, biofísica, genética e imunológica. Compreensão dos mecanismos de transmissão da informação genética, em nível molecular, celular e evolutivo.

DIVERSIDADE BIOLÓGICA: Conhecimento da classificação, filogenia, organização, biogeografia, etologia, fisiologia e estratégias adaptativas morfo-funcionais dos seres vivos.

ECOLOGIA: Relações entre os seres vivos e destes com o ambiente ao longo do tempo geológico. Conhecimento da dinâmica das populações, comunidades e ecossistemas, da

conservação e manejo da fauna e flora e da relação saúde, educação e ambiente.

FUNDAMENTOS DAS CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA:

Conhecimentos matemáticos, físicos, químicos, estatísticos, geológicos e outros fundamentais para o entendimento dos processos e padrões biológicos.

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E SOCIAIS: Reflexão e discussão dos aspectos éticos e legais relacionados ao exercício profissional. Conhecimentos básicos de: História, Filosofia e Metodologia da Ciência, Sociologia e Antropologia, para dar suporte à sua atuação profissional na sociedade, com a consciência de seu papel na formação de cidadãos. (BRASIL, 2006, p. 5)

As diretrizes, no tópico citado acima, de conteúdos básicos estruturantes do currículo, não fazem menção à temática racial. Visto a necessidade de reconhecer a discriminação, seja racial, gênero, entende-se que o currículo, junto com a prática educacional precisa apontar meios para que os ingressantes e futuros atuantes possam cumprir o que estabelece a Diretriz, de modo que se o formado em ciências Biológicas não teve contato com esses meios, o curso não efetivou o que preconiza este meio legal.

Todavia, o Parecer das DCN's evidencia a necessidade dos cursos de formação inicial, discutir as relações raciais, ou seja mesmo que as DCN's dos cursos de Ciências Biológicas não abordem diretamente a obrigatoriedade das discussões das relações étnico-raciais, Resolução N° 1, de 17 de junho de 2004, traz em seu Art. 7º que:

As instituições de ensino superior, respeitada a autonomia que lhe é devida, incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos diferentes cursos que ministram, a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 003/2004. (BRASIL, 2004, p. 20)

Deste modo, por meio das DCN's ERER e das determinações da Resolução discutida acima, fica evidente a obrigatoriedade da discussão

da temática racial nos cursos de Ensino Superior, mesmo que essa não seja abordada nos documentos que regem os cursos.

Considerando o papel da Biologia na construção da ideia de raça, no racismo biológico e de movimentos eugênicos sociais ao longo da história, é essencial que sejam formados profissionais que consigam problematizar e discutir as implicações deste movimentos científicos nos tempos atuais, pois ao a ausência da discussão sobre as relações étnico-raciais neste campo reflete o silenciamento da Biologia acerca das responsabilidades pelos impactos dos estudos realizados ao longo da história que construíram e influenciam o racismo na sociedade até hoje.

Ao olhar para os documentos pesquisados percebe-se que a instituição se posiciona de forma a silenciar as discussões das relações étnico-raciais, pois ao alocar disciplinas tão importantes para formação de profissionais, como optativas, reflete a falta de comprometimento e prioridade em formar pessoas capazes de compreender e discutir a temática na sociedade e atuando como profissional da área.

Outro ponto percebido durante as análises dos documentos foi que os Projetos Político Pedagógico dos cursos citados, não trazem as Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica, como um dos referencias legais que regem o curso, sendo uma das mais atuais e que abordam com mais abrangência e destaque as questões étnico-raciais, determinando que:

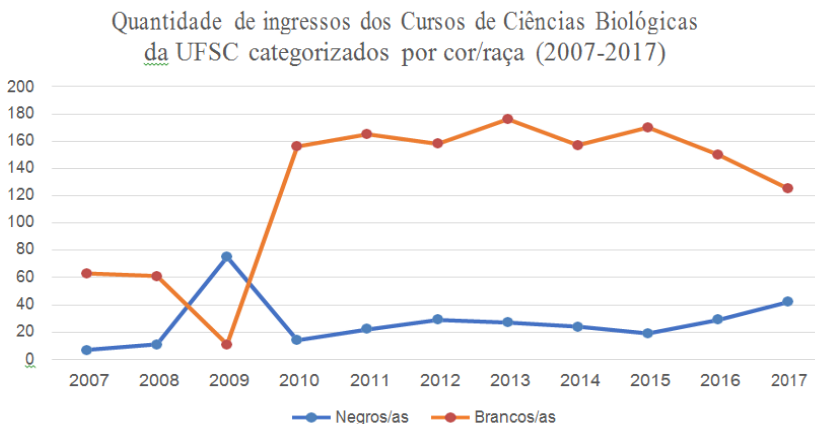
Os cursos de formação deverão garantir nos currículos conteúdos específicos da respectiva área de conhecimento ou interdisciplinares, seus fundamentos e metodologias, bem como conteúdos relacionados aos fundamentos da educação, formação na área de políticas públicas e gestão da educação, seus fundamentos e metodologias, direitos humanos, diversidades étnico-racial. (BRASIL, 2015, p.30)

Sendo assim, evidencia-se por meio da ausência deste documento que ambos os cursos encontram-se em atraso com a atualização dos Projetos Políticos Pedagógicos que regem o curso, necessitando de reformulação para contemplar todos os aspectos legais exigidos para cursos do Ensino Superior.

Ao realizarmos uma busca no site da Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidade, encontramos dados referentes ao ingresso de estudantes negros e brancos nos cursos de Ciências Biológicas. A secretaria traz um recorte temporal entre 2004 e 2017, porém nos

interessa somente de 2006 a 2017, devido aos anos representativos de vigência dos currículos de 2006 e 2010 dos currículos analisados na pesquisa, filtramos os dados entre os anos 2006 e 2017:

Gráfico 3: Quantidade de estudantes dos Cursos de Ciências Biológicas da UFSC categorizados por cor/raça (2007-2017).



Fonte: Produzido pela autora.

Segundo levantamento de dados feito pela Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidade da UFSC, no ano de 2017, haviam 735 matrículas ativas nos cursos de graduação dos Centros de Ciências Biológicas de pessoas autodeclaradas brancas, enquanto que neste mesmo ano haviam somente 135 matrículas ativas de pessoas negras. Observa-se a partir destes dados que houve um aumento do número de ingressantes negros/as no Centro de Ciências Biológicas neste intervalo de 11 anos, apresentando um aumento considerável em comparação com os outros anos.

É perceptível a discrepância de ingressantes e matrículas ativas quando considerado o fator raça/cor como um marcador. Os dados mostrados, com recorte para o curso de Ciências Biológicas, conversam muito com o momento em que a UFSC estava vivendo em relação ao ingresso de estudantes negros no Ensino Superior. O gráfico mostra um grande aumento de ingressantes negros entre 2008 e 2010, este aumento deve-se pela implementação do Programa de Ações Afirmativas da UFSC (PAA/UFSC), no ano de 2008. Considerando o acesso a todos os cursos da UFSC, número de candidatos para vagas reservadas para

negros aumentou 70% de 2008 para 2009, apesar da enorme campanha contra as cotas raciais, explicando as linhas do gráfico em relação a quantidade de negros no curso de Ciências Biológicas.

O Programa foi desenvolvido, pela Resolução Normativa nº 008/CUN/2007, na perspectiva da promoção dos valores democráticos, de respeito à diferença e à diversidade socioeconômica e étnico-racial, visando o acesso e a permanência de estudantes de escolas públicas, negros e indígenas. Inicialmente foi previsto uma reserva de vagas em cada curso, sendo 20% para estudantes de ensino fundamental e médio públicos e 10% para negros, prioritariamente de escolas públicas. A partir de 2016 foi estabelecida uma de 50% das vagas para egressos do ensino médio público pela Lei de Cotas (Lei nº 12.711) sendo 16% para negros pardos e indígenas e 25% para renda familiar bruta per capita até 1,5 salário mínimo.

Mesmo com os avanços do PAA/UFSC, no que diz respeito ao acesso e permanência de estudantes negros, as baixas ofertas no currículo conversam com baixa representatividade negra dentro da Universidade, de modo que a estrutura curricular do curso Ciências Biológicas não abrange discussões necessárias para compreensão do cenário social, e nem oferece subsídios essenciais para formar profissionais críticos acerca da temática racial. Ou seja, assim como Goodson (2011), entendemos que o currículo escrito proporciona um testemunho, uma fonte documental, um mapa do terreno sujeito a modificações, assim como constitui um dos melhores roteiros oficiais para a estrutura institucionalizada da escolarização, de forma que atualmente os currículos de Ciências Biológicas nos indicam uma falta de comprometimento com a educação dos estudantes, no que diz respeito a escolarização.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio proposto foi de analisar as ementas das disciplinas relacionadas a Educação das Relações Étnico-Raciais do currículo do curso de bacharelado e de licenciatura de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, assim como mapear a produção acadêmica existente sobre o tema, buscando compreender como estrutura-se processo de formação de profissionais e das intencionalidades da instituição no que tange ao papel do profissional na sociedade. Para atingir os objetivos, foi preciso se atentar aos aspectos históricos referentes a construção da ideia de raça pela Ciências Biológicas e seus reflexos sobre a sociedade, preconceitos e processos educacionais até os dias atuais; estudar a legislação que ampara e olha para educação das relações étnico-raciais; e assim analisar as produções na área e a estrutura curricular, buscando identificação da temática racial na instituição de ensino e cursos pesquisados.

Sobre a construção da ideia de raça pelas Ciências Biológicas, foi possível perceber que inúmeros pesquisadores ao longo do tempo, contribuíram para o racismo que se instaurou na sociedade. Esta construção, foi marcante principalmente entre os séculos XVII e XIX, em que foram atribuídas diversas concepções e significados a terminologia de raça. Dentre os cientistas que apresentaram um papel importante no racismo científico, com hierarquização das raças, biológica e socialmente estão: Carl Linnaeus, Ernst Heinrich Philipp August Haeckel, Georges Cuvier e Charles Robert Darwin. O olhar para essa reconstrução histórica do conceito de raça nas Ciências Biológicas, nos fez entender a responsabilidade dessa área nos preconceitos que permanecem até hoje na sociedade, na ideia de uma inferiorização de negros em relação aos brancos, associando os fenótipos à categoria social, ausência de capacidade, intelecto, como também objetificação do corpo. Esses posicionamentos difundiram e naturalizaram ao longo do tempo ideias de uma diferença entre pessoas negras e brancas, refletindo em marcos históricos de higienização da população, segregação e marginalização de negros na sociedade.

No que diz respeito a currículos, verificamos o posicionamento e a abordagem acerca da temática racial, fazendo uma revisão de produções acadêmicas, com o intuito de olhar as discussões difundidas nas produções em Ciências Biológicas. Para isso utilizamos um recorte temporal entre o período de 2006 a 2018, de forma que contemplou as duas reformas curriculares que aconteceram nos cursos de Ciências Biológicas, sendo a do Curso bacharelado e licenciatura feita em 2006 e

do curso de licenciatura em 2010; e como auxiliador do levantamento de produções, utilizamos dos descritores “Currículo de Biologia”, “Currículo de Ciências Biológicas AND raça”; “AND racismo”; “AND relações étnico-raciais”, nos seguintes meios de divulgação: Banco de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Redalyc, Repositório Institucional UFSC, e Revistas da Biologia, sendo elas: Revista de Ensino da Biologia (RenBio), pertencente à Associação Brasileira de Ensino da Biologia (SBEnBio), Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (RBPEC), Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia (RBECT), Revista Ciência & Ensino. Nas poucas produções que encontramos nos meios de divulgação escolhidos para pesquisa, percebemos que a discussão da temática racial está, majoritariamente, direcionada a Educação Básica e a formação de professores, poucos trabalhos direcionaram o olhar para o currículo do Ensino Superior. Algo que nos chamou muita atenção foi a ausência de trabalhos, que contemplassem os descritores, no Repositório Institucional da UFSC, nos fazendo refletir sobre as intencionalidades da instituição acerca dos profissionais que forma, não oferecendo condições estruturais necessárias nos currículos, que fomentem discussões das relações étnico-raciais, para que haja produções acadêmicas por estudantes, problematizando e discutindo a temática.

Ainda pensando na UFSC e estrutura curricular, analisamos os currículos dos cursos de bacharelado e licenciatura em Ciências Biológicas, a fim de olhar para o cumprimento dos referenciais legais que orientam o Projeto Pedagógico do curso. Sendo eles: as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os Cursos de Graduação em Ciências Biológicas; as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação dos Professores da Educação Básica, mais especificamente para as licenciaturas oferecidas tanto para o currículo de 2006. 1 quanto para o de 2010.1. As DCNs para os Cursos de Graduação em Ciências Biológicas (BRASIL, 2001), apresenta como “Competências e Habilidades” do profissional formado o reconhecimento de formas de discriminação racial, que se fundem em alegados pressupostos biológicos, posicionando diante delas de forma crítica com respaldo em pressupostos epistemológicos coerentes e na bibliografia de referência, ou seja, as DCNs assumem o papel da Biologia na construção do pensamento racista instaurado na sociedade e pede um posicionamento do profissional formado em Ciências Biológicas, porém ao longo do seu texto não faz indicação a Educação das Relações Étnico-Raciais como conteúdos básicos estruturantes do currículo.

Visto isso, olhamos para os currículos e corpo discente do Curso de Ciências Biológicas da UFSC, a fim de reconhecer condições para permanência de pessoas negras neste curso, por meio da representatividade, seja por estudantes, história ou debates acerca do tema. Segundo a Secretaria de Ações Afirmativas da UFSC, apontam que o Programa de Ações Afirmativas, iniciado em 2008 na Universidade, apresentaram aumento considerável do número de ingressantes negros/as, mostrando que o número de candidatos para vagas reservadas para negros/as aumentou 70% entre 2008 e 2009, que refletiu diretamente no curso de Ciências Biológicas (Gráfico 3). No que concerne a estrutura do currículo, fizemos uma busca por disciplinas que abordassem a temática racial, nos dois currículos dos cursos e encontramos apenas 3 disciplinas optativas, são elas: Estudos Afro-Brasileiros, Nade-Práticas Educativas e Relações Étnico-Raciais e Seminário Temático - Educação Étnica e Multirracial, as duas primeiras compartilhadas entre os dois currículos, a primeira apresenta na ementa a discussão das Relações raciais, racismo e estudos sobre negros no Brasil, a segunda disciplina contém na ementa as discussões sobre relações sociais e os negros no Brasil, espaços educativos, currículo e projetos pedagógicos para igualdade de oportunidades educacionais, já a última disciplina citada é encontrada somente no currículo de bacharelado e licenciatura, correspondente ao currículo de 2006.1. e não foi encontrada a ementa durante as pesquisas. Após levantamento pelo Sistema Acadêmico de Controle da Graduação, com recorte temporal de 2006 a 2018 percebemos que as disciplinas encontradas não foram oferecidas em todos os semestres, ou seja, a presença das mesmas nos currículos não garante integralmente ao estudante o acesso a discussões das relações étnico-raciais durante a formação.

Considerando o papel da Biologia na construção da ideia de raça e racismo e de estar diretamente ligado a movimentos de higienização da população, para extermínio dos/as negros/as, compreendemos a importância desse campo posicionar-se acerca dos preconceitos criados a partir de pressupostos e influências no pensamento social, sobre o corpo negro. O que vemos é um silenciamento em relação a discussão do tema, pois entendemos que a presença de disciplinas na estrutura curricular, não garante a Educação das Relações Étnico-Raciais, uma vez que nem todos os estudantes. Concordamos com Nogueira (2016) que a Educação das Relações Étnico-Raciais não está somente na introdução de conteúdos até então marginalizados pela cultura escolar e acadêmica, mas também por possibilitar uma ressignificação da contribuição negra e indígena para a história nacional, auxiliando o

enfrentando às desigualdades presentes atualmente em nossa sociedade, ou seja, é preciso ressignificar o processo educacional, de modo que os estudantes de biologia compreendam o percurso histórico da população negra e a contribuição das Ciências Biológicas para grande parte dos pensamentos racistas e racismo vivenciados até hoje.

Consideramos que a Ciências Biológicas, e mais especificamente o curso da Universidade Federal de Santa Catarina, precisa posicionar-se em relação a todos os aspectos discutidos neste trabalho, fornecendo aos estudantes uma formação integral, cumprindo as normativas estabelecidas para o curso, refletindo em profissionais capazes de reconhecer, posicionar-se e debater as discriminações raciais na sociedade e na história da ciência. Para isso, entendemos que os cursos necessitam de outras reformas curriculares, implementando no currículo disciplinas obrigatórias que discutam sobre o racismo e papel da ciência na difusão do mesmo, as relações raciais no Brasil, entre tantos outros aspectos a serem discutidos de extrema relevância para educação e inserindo esses mesmos conteúdos nas disciplinas já pertencentes aos currículos de Ciências Biológicas.

Eu estudante, negra da pele clara, lésbica, de baixa renda, luto por uma educação que contemple meus direitos de saber mais de mim, olhando o passado de opressão da população negra e lutando e andando a passos curtos para quebrar os preconceitos, discriminação e estigmatização dos negros/as no Brasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado, 1996.

____ Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n. 1 de 18 de fevereiro de 2002. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica.

____ Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n.7 de 11 de março de 2002. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Ciências Biológicas.

____ Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- brasileira e Africana, 2005.

____ Conselho Nacional de Educação. Resolução N.o 1 de 17 de junho de 2004.

____ Conselho Nacional de Educação. Resolução Nº 2, de 1º de Julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.

____ Lei 10639 de 09 de janeiro de 2003.

____ Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: SEPPIR; MEC/SECAD, 2009.

BOLSANELLO, M. A. Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. Educar, Curitiba, n.12, p. 153-165. 1996.

BRITO, Lucila Karla Felix Lima de. Percepções Sobre Evolução Humana e Racismo Científico em Publicações na Rede Mundial de Computadores: Um Estudo de Caso. REnBio, Niterói, Rio de Janeiro, n.7, p.5056-5068. 2014.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P., A Metodologia científica. 5ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

CCB, UFSC. Relatório final – Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Biológicas – Bacharelado e Licenciatura.

Disponível

em:<http://cienciasbiologicas.grad.ufsc.br/files/2013/08/relatorio_final_completo.pdf > Acesso em: 12 de novembro de 2018.

CCB, UFSC. Projeto Pedagógico – Curso de Ciências Biológicas – Licenciatura (noturno)

Disponível

em:

<<http://cienciasbiologicas.grad.ufsc.br/files/2013/08/CBiolProjetoPedagogicoNoturno05-12-2009.pdf>> Acesso em: 12 de novembro de 2018.

CITELI, Maria Teresa. As Desmedidas da Vênus Negra: gênero e raça na história da ciência. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 61, p. 163-175, 2001.

CUVIER, Georges. *Recherches sur les ossemens fossiles où l'on rétablit les caracteres de plusieurs espèces d'animaux que les révolutions du globe paroissent avoir détruites – Vol.1, Deterville, Paris, 1812.*

DAMASCENO, Janaína. *O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: O caso da Vênus Hotentote. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, 2008.*

DARWIN, Charles. *The origin of species. London: Murray, 1859.*

GOMES, N. L., *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Rev. Bras. Educ. no.21 Rio de Janeiro Set./Dez. 2002.*

GOMES, N. L. *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Rev. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.*

GOMES, N. L. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Educação anti-racista: Caminhos Abertos pela lei 10.639. – Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.*

GOODSON, I.F. Currículo: teoria e história. Trad. Atílio Brunetta. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

HAMLIN, Cynthia; FERREIRA, Jonatas. Mulheres, negros e outros Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados não civilizados. Rev. Estudos Feministas, Florianópolis, v.18, n.3, set. -dez. 2010.

HOFBAUER, Andreas. Uma história de branqueamento ou o negro em questão. São Paulo: Unesp: 2006.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB. Rio de Janeiro, 2003. Anais... Rio de Janeiro, 2003.

NICOLADELLI, Angelo Tenfen. A história de como a biologia justificou o racismo. Disponível em: < <http://www.sporum.com.br/2017/07/a-historia-de-como-biologia-justificou.html> > Acesso em: 23 de maio de 2018

NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. A Educação das Relações Raciais no currículo dos cursos de Licenciatura em Geografia de Santa Catarina. 2016

PASSOS, Joana Célia dos ; NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão . O lugar das relações raciais na Geografia. Revista Terra Livre , 2018.

PASSOS, Joana Célia dos. AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NAS LICENCIATURAS: O QUE DIZEM OS CURRÍCULOS ANUNCIADOS. Poésis-Revista do Programa de Pós Graduação em Educação, UFSC. Unisul, Tubarão, v.8, n.13, p. 172 - 188, Jan/Jun 2014.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. “O ensino e a pesquisa sobre África no Brasil e a lei 10639”. Revista África e Africanidades, São Paulo, ano 3, n. 11: 1- 17, Nov. 2010.

SAVIANI, Nereide. Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SAAD, UFSC. Gráficos: Evolução de ingressos negros e brancos na UFSC. 2017 Disponível em: <<http://saad.ufsc.br/graficos-evolucao-de-ingressos-de-negros-e-brancos-na-ufsc/>> Acesso em: 16 de outubro de 2018.

SCHUCMAN, L. V. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. 122f. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SEYFERTH, Giralda; A INVENÇÃO DA RAÇA E O PODER DISCRICIONÁRIO DOS ESTEREÓTIPOS. Anuário Antropológico/93, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

SOUZA, Ana Lúcia; CROSO, Camila. Igualdade das relações étnico-raciais na escola: possibilidades e desafios para implementação da Lei 10.639/2003. São Paulo: Petrópolis:Ação Educativa, Ceafro e Ceert, 2007.

TRAGTENBERG, Marcelo Henrique Romano. Ações Afirmativas na UFSC – 1o. ano. PAA, UFSC. Disponível em: <<http://acoes-afirmativas.ufsc.br/artigos/>> Acesso em: 10 de novembro de 2018.

TRAGTENBERG, Marcelo Henrique Romano. Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas da UFSC. PAA,UFSC. Disponível em: <<http://acoes-afirmativas.ufsc.br/artigos/>> Acesso em: 10 de novembro de 2018.

VERRANGIA, Douglas; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Cidadania, relações étnico raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 3, p 705-718, 2010.

VIEIRA, António Bracinha - Darwin e as raças humanas. Antropologia Portuguesa. Vol. 26/27 (2010) .

ROSA, Camila Franciscca da; KOPP, Carlos Augusto Ferreira.
CORPO NEGRO E A PRODUÇÃO DA DIFERENÇA: BIOPOLÍTICA
E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS,
Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado e Doutorado
Universidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul.